

Giselle e o Romantismo na primeira metade do século XIX

Giselle and Romanticism in the first half of the 19th century

Katia Aily Franco de Camargo*

kafcamargo@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: O presente artigo procura fazer uma breve explanação sobre os efeitos da chamada “dupla revolução” – Revolução Francesa e Revolução Industrial, no século XIX, e um dos primeiros ballets Românticos, *Giselle*, estrelado em 1841, na França.

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo. Ballet. *Giselle*.

ABSTRACT: This article aims to provide an overview on the effects of the so-called “double revolution,” viz., French Revolution and Industrial Revolution, in the 19th century and on *Giselle*, one of the first Romantic ballets, which was first performed in France in 1841.

KEYWORDS: Romanticism. Ballet. *Giselle*.

*Na floresta divago, ao luar,
na floresta maravilhosa,
e a tua imagem piedosa
põe-se a meu lado a caminhar.*

*Não é aquela a tua imagem ?
não é o teu manto que flutua ?
ou seria um raio de lua
na sombra escura da folhagem ?*

Heinrich Heine

* Doutora em Letras (Estudos Linguísticos, Literários E Tradutológicos em Francês) pela Universidade de São Paulo (USP)

Antes que as cortinas se abram, um preâmbulo se faz necessário...

O ballet *Giselle* teve sua estreia na primeira metade do século XIX, mais precisamente em 1841, momento em que a sociedade europeia enfrentava as consequências de uma “dupla revolução”, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, que trouxeram consigo o triunfo do capitalismo liberal burguês provocando transformações em nível mundial.

O capitalismo burguês transforma o valor pessoal em valor de troca. Instaura a liberdade *comercial*. Com isso, destrói os antigos valores, o tradicional, promovendo o livre arbítrio; no entanto, não ensina ao homem como ter um novo estilo de vida, causando, assim, uma crise de identidade tanto individual quanto coletiva, que só encontrará seu equilíbrio na *alienação*, na formação de utopias.

A esse processo de formação de utopias, com o intuito de recuperar a harmonia e o equilíbrio perdidos entre o homem e o mundo, deu-se o nome de Romantismo, se é que assim podemos defini-lo.

As utopias se formavam buscando elementos na Idade Média, na invejável estabilidade da sociedade feudal, nas sombrias e misteriosas florestas medievais, no povo, representante de todas as virtudes incontaminadas e na Revolução Francesa.

Esse mergulho no passado servia como compensação àquela nostálgica sociedade que buscava a continuidade do passado no tempo presente, enquanto os elementos retirados do presente, isto é, da Revolução Francesa, ansiavam por um futuro perfeito, feliz.

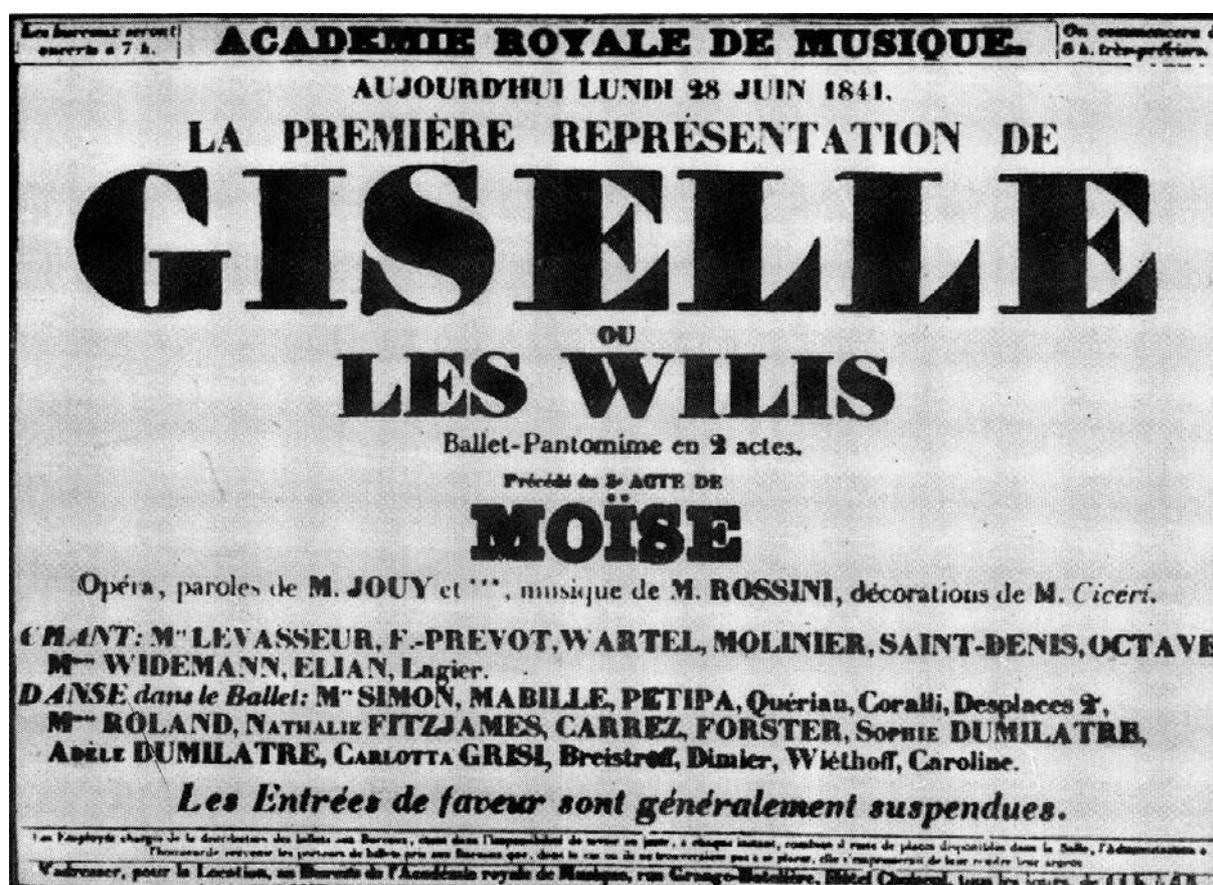
Nesse sentido, o imaginário romântico nasce como uma tomada de consciência face à “dupla revolução”; e tem como principais responsáveis pela formação desse imaginário os artistas, verdadeiros *gênios*. Estes perdiam-se nos meandros da imaginação, da loucura, dos sonhos... Buscavam, no seu íntimo (ensimesmamento), uma nova forma de expressão que os “retirava” daquele mundo que ruía à sua volta.

O artista seria aquilo que havia restado daquela natureza perdida; ele e sua arte seriam os continuadores da criação divina do mundo, os restauradores da sumida harmonia.

O grupo de artistas que teve maior êxito foi o dos pensadores. A obra literária, repleta de elementos sobrenaturais, da imagem de um mundo ideal, do reino da harmonia e da perfectabilidade... era o grande divulgador das utopias românticas.

Foi baseado na obra de um escritor deste período, Heinrich Heine, que Théophile Gautier criou o enredo de *Giselle*. Ele passou para o palco aquilo que só se imaginava nas folhas de um livro. Conseguiu atender aos anseios do público, proporcionando-lhe, em cena, a realização visual dos sonhos de cada um, sonhos estes que ajudavam a escapar daquele mundo cinzento, sinistro.

Figura 1 – Cartaz da estreia do Ballet Giselle



Fonte: Imagem de domínio público¹

Já se pode escutar o terceiro sinal... as cortinas vão logo se abrir... as luzes já se apagaram.... o maestro dá o sinal.

¹ Ver *Licensing* em Wikimedia Commons, Oregonian2012 (https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Giselle_Poster.jpg).

Giselle, estrelado em Paris, em 1841, pela bailarina Carlotta Grisi, pode ser considerado o ballet síntese do Romantismo. Inspirado nas fantásticas obras de Heinrich Heine, possui música de Adolphe Adam e coreografia de Jean Coralli e Perrot. Seu cenário foi obra do experiente cenógrafo Cicéri.

O enredo escrito por Gautier era, considerando as possíveis modificações, o seguinte:

O primeiro ato se passa na vila de Rhin, na época da colheita de uvas. Giselle, uma pequena camponesa, amava Loys, um misterioso jovem que lhe demonstrava uma profunda afeição; Hilarion, outro apaixonado por Giselle, não era correspondido. A camponesa tem duas paixões: Loys e a dança. Sua mãe lhe adverte que seu amor pela dança lhe será fatal. Ela morreria e viria a ser uma *willi*, um desses fantasmas de jovens mortas às vésperas do casamento que passam a noite dançando com todos os homens que encontram até a morte destes. Hilarion não confiava em Loys; ele invade a cabana deste e descobre a espada de um jovem nobre. De início, ele não compreende, mas no momento que um grupo de nobres chega ao vilarejo e pede por refresco, a verdade lhe aparece. Loys é um aristocrata, o conde Albrecht, e é noivo de Bathilde que ali se encontrava. Ela surpreende-se de o encontrar em tal ambiente. Giselle descobre, então, que seu amado é prometido a outra e perde completamente a razão. Enlouquecida, se mata com a espada de Albrecht, morrendo aos pés deste.

O segundo ato se passa em uma densa floresta, onde está enterrada Giselle. Hilarion estava caído sobre o túmulo de sua amada quando soa meia-noite, e os fantasmas das *willis*, conduzidos pela rainha Myrtha, lhe cercam. Não há fuga possível. Ele deve dançar até o final de suas forças, quando elas o jogarão no lago. As *willis* se encontram agora ao redor do túmulo de Giselle, e Myrtha chama seu espírito para iniciar o ritual dos fantasmas. No momento de se dispersarem, elas escutam um barulho: é o príncipe Albrecht, que traz flores para o túmulo de Giselle. Ele se ajoelha e reza; o fantasma de Giselle aparece para ele. Acredita viver um sonho, que logo se transforma em um pesadelo com a aparição de Myrtha e das *willis*. A rainha o condena a dançar até morrer; Giselle dança com ele, tentando ajudá-lo. Albrecht, esgotado, cai sobre o solo, quase morto. Neste instante, o dia começa a raiar e as *willis* perdem seu poder e voltam aos seus túmulos. Giselle faz seu último adeus ao amado que ela conseguira salvar.

Observando o enredo – e fica mais evidente se se assistir ao espetáculo² –, percebe-se o ideal romântico de que é composto o ballet: ideal de pureza e inocência feminina, o conceito liberatório da morte, a busca num mundo de almas, da felicidade.

Figura 2 - Marie Taglioni



Fonte: The Netherlands Music Institute (NMI)³

No primeiro ato, encontramos a busca pela harmonia por meio do elemento incontaminável, o povo. Tudo leva ao povo: a vestimenta, os afazeres, a música... Elemento importante, este último, composto especialmente para complementar o enredo. Possui cinco temáticas que caracterizam determinadas situações. Cada vez que uma temática se repete, ela evoca a situação anterior, como buscando o fio condutor daquela harmonia perdida.

A loucura de Giselle é a passagem para o mundo ideal, perfeito, encontrado no segundo ato por meio da evocação das florestas medievais, dos seres etéreos representados pelas bailarinas, que pela verticalidade imposta ao ballet por Noverre

² É possível assistir ao espetáculo no YouTube: *Giselle (My Giselle) - Bolshoi Ballet - Ludmila Semenyaka* (<https://youtu.be/TTVmFL1nIXU>).

³ Imagem publicada com permissão do The Netherlands Music Institute (NMI). Ela pode ser encontrada na página *La Sylphide* (<http://www.nederlandsmuziekinstituut.nl/en/collections/web-presentations/taglioni/3-la-sylphide>).

(século XVIII), proporcionou a leveza dos movimentos, a elevação; o corpo se torna meio de expressão de ideias e emoções.

O ballet, na primeira metade do século XIX, idolatra a mulher, assim como a sociedade romântica. A mulher tinha que ser etérea, quase sem corpo, despida de sensualidade. Foi assim que ela se apagou atrás da bailarina, que tendia à abstração ideal por meio dos *ports de bras*, *jetés*, *coururs* e musselinas.

En sortant du Théâtre, écrivait un contemporain, vous oubliez la divine Taglioni [bailarina que trouxe o espírito romântico para o ballet], vous ne vous souvenez plus que de la Sylphide [ser etéreo e nome do primeiro ballet romântico], rêverie éthérée, qui vous poursuivra longtemps dont votre âme sera obsédée... (LIFAR, 1964, p. 58)⁴.

A idolatria à mulher foi tão grande que o bailarino foi rebaixado a segundo plano, servindo apenas como o parceiro da *estrela*. Em *Giselle*, no entanto, o papel masculino é consideravelmente desenvolvido, se só levamos em consideração o papel do conde de Albrecht, pois o corpo de baile é praticamente imóvel.

As bailarinas representam tão bem seu ideal de abstração que influenciam na moda da época: existiam os penteados à la sylphide, os turbantes sylphide, e Victor Hugo chegou a escrever um verso em homenagem a Sylphyde (Marie Taglioni). Elas se passaram por *gênios*, assim como Lord Byron e Lamartine. Diziam que seus *ronds de jambe* e seus *ports de bras* equiparavam-se aos mais belos poemas.

Toi qu'en ces murs, pareille aux rêveuses sylphides,
Ce vitrage éclairé montre à mes yeux avides,
Jeune fille, ouvre-moi ! Voici la nuit, j'ai peur,
La nuit, qui, peuplant l'air de figures livides,
Donne aux âmes des morts des robes de vapeur !

Vierge, je ne suis point de ces pèlerins sages
Qui font de longs récits après de longs voyages ;
Ni de ces paladins qu'aime et craint la beauté,
Dont le cor, éveillant les varlets et les pages,
Porte un appel de guerre à l'hospitalité....

(VICTOR HUGO, 1841, p. 229)

⁴ Nossa tradução: “Saindo do teatro, escrevia um contemporâneo, esquece-se a divina Taglioni e lembra-se apenas da Sílfigide, sonho etéreo, que permanecerá por muito tempo em nossa alma obstinada...”

O Romantismo adorava o irracional, o selvagem, a loucura e a magia, entretanto, para expressar isso em movimentos que fossem compreendidos, dependia da mais dura disciplina e racionalidade. Foi assim que intérpretes como Marie Taglioni e Carlotta Grisi conseguiram refugiar seu público num mundo mágico, ideal. Foi assim que a ideia de romantismo apareceu no ballet do século XIX.

Figura 3 - Marie Taglioni as Sylphide



Fonte: The Netherlands Music Institute (NMI)⁵

⁵ Imagem publicada com permissão do *The Netherlands Music Institute (NMI)*. Ela pode ser encontrada na página *La Sylphide* (<http://www.nederlandsmuziekinstituut.nl/en/collections/web-presentations/taglioni/3-la-sylphide>)

REFERÊNCIAS

- BOUCIER, P. *História da dança no Ocidente*. SP: Martins Fontes, 1987.
- FARO, A. J. *Pequena história da dança*. RJ: Jorge Zahar Editores, s.d.
- HEINE, H. *Obras*. SP: Edições Cultura, 1942.
- HOBSBAWN, E. *A Era das Revoluções 1789-1848*. RJ: Paz e Terra, 1982.
- HUGO, V. Le Sylphe. In : _____. *Odes et ballades*. Paris: Carpentier, 1841.
- LAGOAS, L. *Histórias de Ballet*. s/l: Memórias Futuras Edições, 1984.
- LIFAR, S. *La danse*. Paris: Edition Gonthier, 1964.
- MALANGA, E. *Comunicação e balé*. SP: EDIMA, 1985.
- MENDES, M. G. *A dança*. SP: Ática, 1985.
- MICHAUT, P. *Histoire du ballet*. Paris: PUF, 1945.
- SALIBA, E. T. *As utopias românticas*. SP: Brasiliense, 1991.
- REYNA, F. *Histoire du ballet*. Paris: Éditions Aimery Somogy, 1964.
- TUGAL, P. *Petite histoire de l'art et des artistes*. Paris: Fernand Nathan Ed., s/d.